



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

FRAGMENTOS DA VIDA ÍNTIMA SERTANEJA: Etnografando a partir de Catingueira – PB¹.

Antonio Luiz da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. tonlusi@hotmail.com

Resumo

Embora ainda seja comum imaginarmos o sertão como uma região fossilizada na história, um olhar a partir de dentro indica que ele não está congelado no tempo. Recortando duas pesquisas desenvolvidas na cidade de Catingueira – PB, no sertão paraibano nordestino, baseando-me na observação participante, mostro com relatos etnográficos a partir das coisas íntimas, da manifestação da sexualidade, que o sertão está se modificando, tanto para mulheres quanto para homens. Concluo que esta mudança, tem se dado especialmente nas novas gerações, mas não tem sido totalmente rejeitada pelas gerações mais velhas.

Palavras-Chave: Sexualidade, sertão, homem, mulher, transformação.

Introdução

O desenho que muitas pessoas fazem do sertão ainda hoje é bastante problemático, muitas vezes descontextualizado e a-histórico. Olhando-o a partir do mar ou dos grandes centros fora do seu universo, o sertão é visto, quase sempre, como uma região inteira esturricada pelo sol quente, castigada pelas inclemências climáticas, abandonada politicamente, enfim condenada pelos imaginários de todos os tempos. De um lado, parte dessa imagem é devida aos poetas, romancistas, pintores, cantores, compositores, produtores de teatros, diretores de filmes e novelas, alguns dos quais contemporâneos, inclusive. Não quero dizer que seus ideários não contenham pedaços de 'verdades'. Do outro lado, a outra parte da compreensão que temos vem sendo inventada por nós mesmos, certamente sem nunca ter visto nenhum pedaço daquela enorme região com nossos próprios olhos. Conforme Starling (2008, p. 144): "(...) o

¹ Trabalho apresentado no XI CONAGES, Campina Grande – PB, 03 a 05 de junho de 2015. Agradecimento a José Soares pela leitura cuidadosa e discussão desse texto.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

sertão, por maior que seja, é o que não se vê”. Daí a concluirmos que o sertão parou no tempo, que está lá petrificado ou congelado é um passo curto. Aliás, até quem lá vive, geralmente a ver como região atrasada, afastada, esquecida, etc. Ou, na linguagem de um sertanejo catingueirense, seu Agenor, 85ª: “Vive por detrás do mundo”.

À primeira vista, o cotidiano sertanejo parece mesmo assemelhar-se à lentidão do passar das páginas de um diário escrito por quem não tem muito o que contar. No entanto, é importante lembrar o que diz Gomes (2008, p.176): “Apesar de parecer que há uma apatia constante na vida cotidiana, é nesse nada de novo que são encontradas condições e possibilidades de resistência que geram as rupturas (...)”. Talvez por não se ter lá muitas coisas a fazer, as pessoas apenas vivem e constroem o seu vivido com as cores e os coloridos que muitas vezes lhes fogem ao controle do previamente pensado.

Em termos da manifestação da sexualidade, da afetividade e das relações de gênero, temas que nos interessam nessa comunicação, frequentemente falamos dos sertanejos como homens fortes, valentes, embrutecidos, duros, rudes e de mãos calejadas. Porém nos esquecemos que eles também são tão humanos, sensíveis, brincalhões e afáveis quanto quaisquer cidadãos hiper-urbanizados. Das mulheres pensamos sempre como tímidas, passivas e submissas aos seus cônjuges. E se algumas delas aparecem em destaque é muito mais por algum estranho processo de masculinização, como é o caso da personagem Luzia Homem (FREITAS, 2007), do que por sua feminilidade. A representação que espalhamos do ser humano sertanejo é, frequentemente, estereotipada e, de tão repetida, tornou-se reificada, ao menos em muitas de nossas mentalidades. Então nos espantamos quando nos damos conta de que muitas coisas lá, se é que foram tão espantosas como as imaginamos, estão mudando.

Na vivência sertaneja de hoje minúcias sobre a sexualidade, por exemplo, parecem não ser mais um forte tabu discursivo. A linguagem comunica, como assinala Araújo (2008, p. 313): “(...) os valores culturais da sociedade, de modo que os julgamentos e os tabus que permeiam as práticas sociais são refletidos em um conjunto de vocábulos específicos: as palavras-tabu”. Na comunidade sertaneja tudo é possível de ser falado, e de se falar mais franca e abertamente do que no tempo descrito por muitos cordelistas, novelistas, cinematecas, etc. A julgar pela frequência com que este assunto me foi



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

apresentado, devo imaginar que este saiu de vez do universo privado, adentrando em definitivo também a esfera pública. É claro que ele ainda encontra algum entrave geracional. Contudo, como tema humano, ele é debatido em diversos espaços e de muitos modos, inclusive em situações e lugares em que se tem crianças por perto. Para alguns, sobretudo mais velhos, a liberdade ou “libertinagem”, em torno desse assunto, pode ter adentrado a região por várias fontes. Alguns acreditam que deve-se à força da televisão e dos meios de comunicação que invadem todos os lares a qualquer hora do dia ou da noite. Outros pensam, enquadrando tudo “nos estranhos costumes desse tempo”, que esse assunto surge, volta e meia, pelas mãos de pessoas que saíram do sertão para morar fora e que sempre voltam trazendo novidades. Ainda outros acreditam que o tema vem de fora mesmo, de gente que não é da região e que entra nela como forasteiro. Entretanto, é fato que o tema das coisas mais íntimas corre solto, à boca larga ou à boca miúda, no cotidiano, como intentarei mostrar nesse trabalho.

Campo de Pesquisa e Metodologia Adotada.

A comunicação aqui apresentada recorta duas pesquisas realizadas em Catingueira – PB, num pedaço sertanejo do Nordeste do Brasil. A primeira foi feita em fevereiro de 2012, em função do meu mestrado em Antropologia na Universidade Federal da Paraíba (Silva, 2013) e a segunda em aprofundamento, por conta do processo de doutorado que estou fazendo em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tendo já a primeira etapa sido concluída em janeiro de 2015. Embora eu me vá basear nas duas datas acima, reconheço que a referida cidade, desde longa data, vem sendo palco de diversas investigações acadêmicas. “Trata-se de é um campo de pesquisa em ‘ebulição’ que há mais de uma década vem oferecendo contribuições significativas” (SILVA 2014, p. 88), o que nos beneficiará nesta reflexão.

Catingueira é uma cidade bem pequena. Sua população, estimada pelo IBGE, ainda não chega aos 05 mil habitantes. Desses, quase a metade encontra-se na parte urbana. Mas sua região é enorme, tendo a extensão de 529,46 km², sendo maior que importantes cidades paraibanas, como Patos, Itaporanga, Piancó, quase do mesmo tamanho de Campina Grande – PB e soberbamente maior que sua capital, da qual está a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

340Km de distância. Seus moradores vivem dos pequenos roçados, do trabalho alugado na agricultura, da criação de animais de pequeno porte, das aposentadorias, dos poucos empregos gerados no comércio local, na prefeitura e no Estado (SILVA, 2013; SANTOS & PIRES, 2013). Além disso parte de seus habitantes contam com o repasse de renda do programa Bolsa Família. Sobrevive-se também do dinheiro que os filhos da terra, geralmente homens, enviam de fora para sustentar suas famílias. Aliás, se diz na cidade que metade da população ou mais trabalha fora, seja no ramo da construção civil, do entretenimento, de restaurantes, etc, engrossando as grandes fileiras dos chamados de filhos ausentes (PIRES, 2013).

No que diz respeito ao seu comportamento religioso, Catingueira ainda inspira conservadorismo, e esforça-se por respirar ares das tradições herdadas. No centro da cidade, desde os primórdios de sua fundação, encontra-se a Igreja Católica, imponente e majestosa, como que a convocar a população à reza, à fé e à devoção. O principal monumento da cidade, em tamanho gigante, é a imagem de São Sebastião. Durante o período da quaresma, a Igreja cobre seus santos de roxo e usa matraca, numa prática litúrgica que não vem sendo mais incentivado pela liturgia católica, sobretudo depois do Concílio Vaticano II. Pode-se dizer que Catingueira é marcadamente religiosa (PIRES, 2011), mesmo que isso não redunde em frequência ‘fanática’ aos lugares de atividades religiosas, exceto na procissão do padroeiro. As pessoas ainda frequentam quermesse, pavilhão, leilão, bingo, tudo o que homenageia e prestigia o santo padroeiro e ficam felizes e honradas ao receberem visitantes nessas ocasiões. Os mais velhos ainda perguntam ao estranho que chega à cidade: “A que família você pertence?”, dando um indicativo de que o nome da família conta muito para se ter um controle sobre o visitante. Quando se visita o cemitério da cidade, as tumbas mais bem acabadas pertencem às tradicionais famílias de renome municipal. Mas, apesar de seus esforços para manter-se fiel a certa tradição conservadora, retilínea e menos sinuosa no cotidiano humano, ela é obrigada a conviver, todos os dias com inumeráveis novidades. Como mostraremos abaixo, a sexualidade é uma delas.

Para a coleta de informações, tenho seguido tanto Colette Petonnet (2008) numa ‘observação flutuante’ quanto Carlos Brandão (2007), num ‘mergulho de profunda



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

contaminação', procurando ouvir livre de todos os preconceitos os relatos que vem da rua, da praça, do campo de futebol, do bar, etc, indo aonde tem gente. Dentro do enquadre da observação participante, tenho o hábito circular pela cidade e conversar com as pessoas acerca de suas questões (SILVA, 2014), dentro daquilo que elas me trazem, retiro o que julgo importante para minha análise. Em minhas atividades não apenas os adultos têm sido considerados, é do meu interesse e objeto de pesquisa maior também ouvir as crianças. O número de seus participantes é impossível de precisar, mas eles foram mais numerosos do que os apenas citados nesses fragmentos. Todos sabiam que eu estava na cidade pesquisando

Resultados e discussão

As transformações nas questões de gênero e da sexualidade sertaneja aqui consideradas, especialmente a partir das vivências mais íntimas, não vem se dando de supetão ou por convulsões sociais, e sim no silêncio do vivido, nas pequenas realizações e conquistas do cotidiano.

Mais liberdades às novas gerações de mulheres...

Catingueira, se não estou enganado como observador "infiltrado", por não ser de lá originário, nos melindres do modo de viver local, parece estar oferecendo alguma consideração às suas mulheres. Se isso não for verdadeiro, ao menos um novo tipo feminino vem sendo engendrado naqueles longínquos rincões sertanejos.

Financeiramente, embora não seja muito, elas têm conquistado uma posição de melhor poder e de maior decisão, sobretudo, através do Programa do Bolsa Família, o que tem repercutido, inclusive, em diversos aspectos da construção de sua independência. Como afirmam Rego e Pinzani (2013, p. 191): "(...) a renda liberta a pessoa de relações privadas opressoras e de controles pessoais sobre sua intimidade, (...) permitindo-lhes mais movimentação e, portanto, novas experiências". Embora muitas delas digam que, no tocante ao uso do dinheiro, suas ações são combinadas com seus maridos (SANTOS & PIRES, 2013), esta política contemporânea não tem na região nenhum sucedâneo histórico. Trago aqui um exemplo muito importante desse argumento



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

a partir do trabalho de Nogueira e Pires (2012). Estas autoras relatam a iniciativa de uma mulher que, apoiada, inicialmente, pela segurança mínima, oferecida pelo Programa Bolsa Família, conseguiu, a partir da cidade, planejar e executar sua formação superior. Hoje separada de seu antigo cônjuge, formada e trabalhando noutra região do país, colabora financeiramente com a educação dos filhos e filhas que deixou na cidade. Mesmo que isso cause certa vergonha ao seu ex-companheiro, pois na cidade todo homem ainda deveria ser o provedor de sua prole, esse dinheiro não é rejeitado.

Ainda pensando a política pública, como me informou o antigo secretário de ação social, além do cartão do Bolsa Família, toda habitação, construída pela gestão municipal para a população mais pobre da cidade, embora entregue à família, “por ordem do governo federal, está documentada em nome da mulher”.

Mesmo que não me caiba julgar os caminhos percorridos e os arranjos feitos para tal, acrescento aqui o fato, aliás comum na região sertaneja, que a mulher catingueirense tem ocupado posições destacadas na história política recente da cidade, seja na câmara de vereadores, seja no comando do executivo municipal.

Mas não é só financeira e politicamente, o que interfere na identidade de gênero e nos jogos de papéis tradicionais da mulher sertaneja. As mais novas gerações de mulheres catingueirenses estão conquistando mais liberdade também no campo da expressão de sexualidade. Esse fenômeno parece também ter sua colaboração para a “libertação” da mulher. Abaixo apresento breves relatos do vivido, para que se possa chegar a alguma possível conclusão.

Num grupo de moças ao qual tive acesso, quando fizemos um passeio para a Cachoeira Mãe Luzia, um importante lazer da região, entre elas ouvi coisas bem ‘liberais’. Era um grupo de aproximadamente 12 mulheres, um rapaz e eu. Uma das moças, numa conversa contada sem pedir segredo a ninguém, revelou que sua colega, que por sinal estava no grupo, queria ‘ficar’ com um rapaz que chegou à cidade em uma dessas caminhonetas bem modernas, uma Amarak. A colega afirmou ter-lhe dito que ele era um homem muito rico, que não iria se interessar por ela, e perguntou-lhe: “o que você tem pra dar a ele?”. A outra não contou conversa: “a minha priquita”, foi a resposta. Mesmo que o tom tenha sido brincante, o uso dessa forte expressão revela ao menos a liberdade de se



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

comunicar no entorno dessa temática. Para Santos e Costa (2013, p. 339): “Muitos dos palavrões não são aceitos em todos os contextos, mas entre amigos, familiares e em relacionamentos amorosos, encontra-se um emprego que assinala intimidade e familiaridade”.

Outra moça do mesmo grupo estava meio apreensiva porque no passeio havia uma garota declaradamente lésbica, achando que fosse, por algum motivo, ser vítima de alguma investida. Uma das colegas disse-lhe: “Que tolice, você só precisa dizer que não está afim. É direito dela dar uma cantada em você, da mesma forma que é seu direito dizer que não quer”. Por fim aquela moça lésbica disse, nessas brincadeiras que tem muito de verdade: “Fique tranquila, eu prefiro as morenas”, o que causou uma risada estrondosa. Percebi que aquele grupo gozava de uma enorme liberdade de expressão, liberdade que talvez suas mães e avós, enquanto mulheres crescidas na região, não tenham, em sua juventude, experimentado. Não poderia ser esse um dos indicadores importantes de que muito do comportamento tradicional catingueirense estava mudando com passadas bem largas? É claro que naquele grupo, das 12, 08 já eram universitárias.

Um rapaz da zona rural, que estava trabalhando na construção civil na cidade, certa vez me disse: “Hora boa de pegar esquema é depois das 10 horas da noite”. Esquema aqui é alusão ao “ficar”, ao namorico rápido, caracterizado por encontros esporádicos. Eu quis saber o porquê. “Depois das 10, muitas mulheres que têm seus maridos vivendo fora da cidade, ou mesmo essas moças que tem namorado pelo sítio saem de casa pra dar um volta na praça”. Mas porque só depois das 10 horas da noite? Quis saber. “Você não pode vir em bando, nem de moto, porque elas se espantam, venha sozinho, fique num canto quieto e veja se não é verdade o que eu estou dizendo”. Esse rapaz foi elencando satisfeito seus feitos amorosos, somente no curto tempo em que estava trabalhando na construção. Mesmo que lhe caiba a tarja de gabola e/ou pabuloso, mesmo que tenha mentido um pouco, seu discurso não se ancorava somente na imaginação.

Lembro-me de uma garota, Tânia, 18a, acusada pelas colegas de ser uma menina louca, porque estava, mais uma vez, namorando “um rapaz sem futuro”. Esta se defendeu



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

dizendo: “Eu não sou louca, eu apenas gosto de aventuras”. Eu bem sei que todo adolescente é meio inconsequente. Mas mesmo isso nos confirma a ideia de mudança.

Na cidade, mulheres separadas existem várias e pelos mais variados motivos. Seu Agenor, 85a, me disse que, antigamente, a mulher de família só tinha dois motivos para ficar sem marido: “ou era viúva ou tinha sido abandonada por algum cabra de peia”. É claro, até hoje, na cidade, aquela que foi abandonada pelo marido goza de um status social bem diferente daquela que tomou a iniciativa e saiu de casa sozinha ou com outro homem.

Contudo, não ouvi nenhuma queixa discriminatória sobre mulheres separadas, ou sobre pessoas que estavam em segundo ou terceiro casamentos. Ouvi, isto sim, um elogio a uma mulher, tido como “gostosa, boa de rabo”, mas que se endireitou depois que arrumou um amigamento.

O status da viúva, mesmo quando nova, é também bem respeitado. Se ela resolver se conservar “inviolável” em sua viuvez será sempre admirada pela população. Mas se ela decidir arrumar outro homem, é também muito compreensível. Como me disse seu João, 72a, meu ex-vizinho em Catingueira: “Não faz sentido uma mulher nova viver sozinha, além disso, um homem pode ajudá-la a criar os filhos”.

Algumas pessoas, é verdade, até se incomodam com o fato do casamento de sua filha não ter dado certo, mas esse não constitui mistério para grande sofrimento. É a lei do vivido: “Não deu, se separa e cada um vai viver no seu canto”, disse-me Geraldo 60a, refletindo a separação, um pouco traumática de sua filha caçula. Aliás, foi Bauman (1998, p. 32) quem afirmou que “o mundo pós-moderno está se preparando para a vida sob uma condição de incerteza que é permanente e irreduzível”, e isso se aplica também aos relacionamentos líquidos.

Não ouvi ninguém mais falar de mulheres amasiadas, amancebadas, e termos pejorativos afins. Não ouvi ninguém prometendo o inferno ou purgatório a mulheres por não estarem casadas no religioso, por exemplo. Segundo Araújo (2008, p. 315-316): “Entre os sociolinguistas é consenso que o esvaziamento semântico de determinadas palavras-tabu não acontece como por milagre, mas está profundamente vinculado à



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

relação língua/sociedade”. A sociedade está, mesmo que devagarinho, mudando sua maneira de pensar

Recordo-me aqui de uma ocasião em que eu estava sentado num dos bancos da praça, a conversar com Seu Agenor, meu mais querido e importante interlocutor, quando uma mulher, de aproximadamente 35 anos, conhecida na cidade por seus traços acentuadamente masculinos, passou em nossa frente e saudou aquele distinto senhor de 85 anos. Quando ela já ia distante, ele perguntou-me: “Você sabe que tipo de gente é aquele?”. “Não, senhor”, respondi-lhe. Ele ajuntou: “É uma sapatona. Ela vive aqui faz muito tempo. Uns tempos atrás ela estava enrabichada com uma crente, e deu trabalho pra se largar. Acho que só se separou porque a outra foi embora de Catingueira”. Mas as pessoas não discriminam? Quis eu saber. “Não, ela vive a vida dela, fala com as pessoas, trata todo mundo com respeito, não cria problema com ninguém, é assim. Dizem que ela faz até mais coisas com as mulheres do que os próprios homens”.

Novo modelo de masculinidade está peitando a tradicionalidade

A pergunta que as pessoas se fazem, muitas vezes considerando que o sertão é o lugar do machão, do homem forte e valente, é se lá tem espaço para a manifestação de outras formas da sexualidade que não seja aquela pautada pela heteronormatividade. Em Catingueira, formas de sexualidades, diversas e mesmo avessas à heteronormatividade, parecem, no momento contemporâneo, receber muito mais destaque e visibilidade do que em outras épocas.

Seu Agenor, 85a, me contou que logo que chegou a Catingueira havia apenas um homossexual, e por muito tempo era somente ele. Disse ainda: “Aquele pederasta, era assim que naqueles tempos eram chamados os gays, ficava feliz somente em ser visto, andava se requebrando, todo cheio de trejeitos”. E acrescentou: “Dizem, eu não sei bem dizer, que ele pagava as coisas pros homens que enrabavam ele”. Mas isso era somente no passado, indaguei, não existem mais hoje? “Dizem que agora Catingueira está empestada, a maioria desses cabrinhas que vem por ai de brinco nas orelhas, é tudinho veado, mas esses são diferentes, não dão demonstração, só lá pra dentro das casas deles”. Questionei se as famílias aceitavam. “Deve ser uma tristeza muito grande pra um



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

pai de família, mas o que se pode fazer, é filho, não é?” Com relação à prática homossexual não há uma mais ampla compreensão. Há uma aceitação por não ter escolha.

Ouvi ainda uma crítica forte a um adolescente gay, porque esse era uma espécie de pequeno cafetão na cidade, e havia levado, conforme me disse Ana, 52a, a sua sobrinha de 17a, para o “infeliz caminho das drogas”, tendo esta já sido internada para desintoxicação. Mas dizem que o garoto afirmava o contrário do que estava dizendo a família da garota. Para ele, a menina era muito mais experiente e danada por homens do que a família dela poderia imaginar.

Uma moça, Andreia, 22a, disse-me que estava se tornando especialista em detectar os rapazes gays da cidade, visto que já teve namoro iniciado com dois deles. Ela disse-me: “Se você vai para um banho, olhe logo como ele coloca o pênis na cueca, se for na direção apontando para o umbigo, é tiro e queda. É claro que tem outras coisas mais”.

Ângelo, 45a, me contou que havia na cidade um homem bem influente que tinha um jovenzinho como amante. As pessoas sabiam, mas dada a sua posição social, ninguém comentava. Quando esse homem influente foi embora deixou o seu amante bem equilibrado financeiramente. Hoje o referido amante é um homem casado e bem conceituados da cidade. Por conta de sua posição financeira, mesmo sabendo-se do seu passado, ninguém comenta nada.

Sílvia, 27a, revelou-me que um tal de Abraão, um desses jovens bem bombadões de academia, que nem era da região, gabava-se em ambientes públicos, afirmando que “já tinha comido vários os homens da cidade”. Para ele, os homens de Catingueira eram todos falsos. “Na sociedade eram homens, mas na cama eram mulherzinhas”. Bom, mesmo que seja um extremo exagero, uma expressão dessas deve ser considerada. “Provavelmente ele teve atividades sexuais ou algum tipo de envolvimento com alguns figurões do município”, pondera Sebastião, 33ª esposo de Sílvia.

Conclusão

Do exposto acima, pode-se perceber que, sexualmente falando, Catingueira é, possivelmente, tão liberta e alforriada quanto qualquer cidade grande do país, embora em



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

alguns casos procure desenvolver o seu vivido sob o manto da mais fina tradicionalidade sertaneja, paraibana, nordestina e brasileira, inclusive aquela propagandeada secularmente.

Em Catingueira talvez não caiba a ruidosa e tão propalada ideia de “quebra de valores”. Ninguém parece estar propriamente quebrando nada. Todos ainda acreditam e valorizam a família, a religião, as relações sociais, etc. Mas parecem entender que é apenas a vida como ela é em sua dinamicidade que faz com que novos elementos possam ser experimentados e aceitos, se não por todos, ao menos por um grupo significativo de pessoas do sertão. Pode ser que esses arranjos que estão se inscrevendo como novos no cotidiano catingueirense, interpretado por Sebastião, 39a, como “costume da televisão”, estejam apenas oferecendo possibilidades alternativas ao grande paradigma da tradicional e pacata cidade do sertão.

Referências

- ARAÚJO, Júlio César. Chats na Web: a linguagem proibida e a queda de tabus. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 8, n. 2, p. 311-334, maio/ago. 2008
- BRANDÃO, Carlos R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *CULTURA E SOCIEDADE*, V 10, Nº 1, JAN/JUN 2007 P 11-27. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/1719> Acessado em 12/03/2012.
- BAUMAN, Z. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Trad. M. Gama e C.M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998.
- FREITAS, Nilson A. A “macho e fêmea” e a família: Luzia-homem e o sertão cearense. *Revista de Ciências Sociais* v. 38 n. 2, 2007.
- GOMES, Lisandra Ogg. O cotidiano, as crianças, suas infâncias e a mídia: imagens concatenadas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 3 (57) - set./dez. 2008. Disponível em: <http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/57-artigos-gomeslo.pdf>. Acesso em 19 abr. 2012.
- NOGUEIRA, Christina Gladys de Mingareli; PIRES Flávia Ferreira. E quando a mãe vai embora? Família monoparental masculina e o Programa Bolsa Família em Catingueira-PB. *Anais da 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia*, São Paulo, 2012. SP. Disponível



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

em: http://www.sistemasmart.com.br/rba/arquivos/1_6_2012_21_31_24.pdf. Acesso em 01 ago. 2012.

PÉTONNET, Colette. Observação Flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. *Antropolítica*. Niterói, n. 25, p. 99-111, 2. Sem. 2008. Disponível em: http://www.uff.br/antropolitica/revistasantropoliticas/revista_antropolitica_25.pdf. Acesso em 16 fev. 2015.

PIRES, Flávia F. Os filhos-ausentes e as penosas de São Sebastiãozinho. *Etnografia da Festa da Catingueira/PB*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2013.

PIRES, Flávia F. Quem tem medo de mal-assombro? Religião e Infância no Semiárido Nordeste. Rio de Janeiro E-papers, 2011.

REGO, Walquiria Leão e PINZANI, Alessandro. 2013. *Vozes do Bolsa Família. Autonomia, dinheiro e cidadania*. São Paulo: Editora Unesp.

SANTOS, Patrícia O. S; PIRES, Flávia F. As crianças do Programa Bolsa Família e a Condicionalidade Escolar: uma análise antropológica da relação das crianças beneficiadas com o PB. *Anais da IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste*. Fortaleza - CE: 2013.

Santos, Demócrito Cruz; Costa, Kátia Regina Lopes. PALAVRÃO: Um olhar sobre a possível não-arbitrariedade deste signo linguístico. *Web-Revista SOCIODIALETO: Bach., linc., Mestrado - Letra - UEMS/Campo Grande*, v. 3, nº 9. mar. 2013.

SILVA, Antonio. L. *Pelas Beiradas: Duas décadas do ECA em Catingueira*. (Dissertação). João Pessoa: PPGA/UFPB, 2013.

SILVA, Antonio L. Agonias dum pesquisador numa abordagem envolvendo crianças: reflexões advindas de Catingueira – PB. *Revista de Psicologia da UNESP* 13(1), 2014. Disponível em: <http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/view/330/333>. Acesso em 16 fev. 2015.

STARLING, Heloisa Maria Murgel. A República e o Sertão. *Imaginação literária e republicanismo no Brasil*. *Revista Crítica de Ciências Sociais [Online]*, 82 | 2008. Disponível em: <http://rccs.revues.org/626>. Acesso em 06 fev. 2015.